

MAGSUL



FACULDADES MAGSUL

DHENIFER PAULINO CARDOSO

ESTÉTICA CORPORAL-UM PERCURSO HISTÓRICO NA ARTE E NA MÍDIA

PONTA-PORÃ

2019

MAGSUL



FACULDADES MAGSUL

DHENIFER PAULINO CARDOSO

ESTÉTICA CORPORAL-UM PERCURSO HISTÓRICO NA ARTE E NA MÍDIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora das Faculdades Magsul, como exigência parcial obtenção do título de Tecnólogo em Estética e Cosmética, sob a orientação do Prof. Esp. Genivaldo Antônio Alves.

PONTA-PORÃ

2019

DHENIFER PAULINO CARDOSO

ESTÉTICA CORPORAL-UM PERCURSO HISTÓRICO NA ARTE E NA MÍDIA

Trabalho de Conclusão de apresentado à Banca Examinadora das Faculdades Magsul, como exigência parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Estética e Cosmética.

Banca Examinadora

Orientador (a) Prof. Esp. Genivaldo Antônio Alves

Faculdades Magsul

Prod. Dr. Sebastião Gabriel Chaves Maia

Faculdades Magsul

Ponta Porã, 13 de dezembro de 2019

Dedico essa tese aos meus pais
Edna Paulino e Charles Adalberto
Cardoso, e meu irmão Dhonatan
Paulino Cardoso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço esse trabalho primeiramente a Deus que sempre pôs sua mão em tudo que eu fosse fazer nessa vida, sem ele nada teria sentido.

Aos meus pais Edna e Charles que sempre me apoiaram, acreditaram e me ajudaram de todas as maneiras possíveis, ao meu irmão Dhonatan Paulino Cardoso por sempre acreditar em mim. Aos meus avós Jacira e Aldamário Cardoso e Maria das Dores e Luiz Paixão e todos da minha família.

As minhas amigas Ana Paula Canhete, Caroline Ferreira, Joice Cardoso, Joice Oliveira, Jaqueline Maria Oliveira, Luana Oliveira pelas orações e palavras de incentivos sempre que precisei, as minhas amigas da sala que sempre me ajudaram quando necessitei, aos motoristas Antônio Luiz e Élcio por sempre dirigem com cautela nas rodovias.

Ao meu orientador Genivaldo Alves deixo aqui minha gratidão pela sua dedicação perante a mim, que sempre me guiou com muita sabedoria e paciência. E a mim mesma por ter perseverado mesmo nos momentos mais difíceis.

CARDOSO, Dhenifer Paulino. **ESTÉTICA CORPORAL**-Um Percurso Histórico Na Arte e Na Mídia. 46 f. Trabalho de Conclusão do Curso de Tecnólogo em Estética e Cosmética – Faculdades Magsul, Ponta Porã, 2019.

RESUMO

A sociedade se espelha muito no que a mídia impõe, deixando claro que o corpo bonito é aquele que os meios de comunicação ditam como regra de beleza, muitas pessoas em especial mulheres começam a acreditar que aquilo que é mostrado em tv, revistas, internet entre outros meios, são o certo a serem seguidos, quando não alcançado esse objetivo começam as insatisfações excessivas que posteriormente se transforma em doenças físicas e psicológicas. Neste sentido, para averiguar a satisfação das pessoas com os seus corpos e a influência das mídias sociais na estética corporal, foi elaborado um questionário e aplicada as meninas do 4º semestre do curso de Estética e Cosmética das Faculdades Magsul. A pesquisa feita dentro de sala apontou que a maioria das meninas acreditam que a mídia tenha sim influência em suas vidas, seja no modo de se vestirem, maquiarem entre outras maneiras, porém, a mídia estimula as pessoas a acreditarem que o corpo “perfeito e ideal” a ser seguido deve ser aquele que está sendo exposto, trazendo consequências de extrema insatisfação pessoal. Portanto, conclui-se o entendimento que há sim uma grande interferência e influência das mídias sociais na vida das pessoas em busca de um corpo perfeito e irreal.

Palavras-chave: Estética. Arte. Mídia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vênus de Willendorf, símbolo de beleza na Era Paleolítica	21
Figura 2 - Nefertiti. Século XIV, a. C. Calcário, Berlim	22
Figura 3 - Vênus de Milo, 200 a.c.....	22
Figura 4 - A beleza da mulher romana	23
Figura 5 - O Casal Anorfini.....	24
Figura 6 - O Nascimento de Vênus (c. 1485) de Botticeli.....	25
Figura 7 - "honnête homme", o homem perfeito da época	26
Figura 8 - Chateaubriand	27
Figura 9 - Xanti Schawinsky, para o Studio Boggeri, Olivetti, fotomontagem para calendário, 1934.....	28
Figura 10 - Marilyn Monroe (1926-1962).....	29
Figura 11 - Influência da mídia com adolescentes do sexo feminino	30

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1 ESTÉTICA, CORPO E ARTE.....	10
2.1.1 Estética	10
2.1.2 Corpo	11
2.1.3 Arte	12
2.2 A ESTÉTICA NA VISÃO DOS FILÓSOFOS E A DEFINIÇÃO DO BELO	14
2.2.1 Sócrates	14
2.2.2 Platão	15
2.2.3 Aristóteles	17
2.2.4 O que é o Belo	18
2.3 PERCURSO HISTÓRICO DA ARTE.....	19
2.3.1 Pré-história	19
2.3.2 Egito	21
2.3.3 Grécia	22
2.3.4 Roma	23
2.3.5 Idade Média	23
2.3.6 Renascimento	24
2.3.7 Século XVIII	25
2.3.8 Século XIX	26
2.3.9 Século XX e a beleza da Mídia	27
2.3.10 Influência da Mídia.....	29
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS	31
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	33
5 CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
APÊNDICE	43
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA	44

1 INTRODUÇÃO

Um assunto muito comum que se faz presente no nosso dia a dia seja por meio de anúncios, internet ou conversas é sobre a vontade de ter um corpo perfeito para se sentir mais satisfeito consigo mesmo e feliz.

A sociedade se espelha muito no que a mídia impõe, deixando claro que o corpo bonito é aquele que os meios de comunicação ditam como regra de beleza, muitas pessoas em especial mulheres começam a acreditar que aquilo que é mostrado em tv, revistas e internet entre outros, são o certo a ser seguido, quando não alcançado esse objetivo começam a aparecer as insatisfações que posteriormente se transforma em doenças sejam elas psicológicas ou físicas.

ECO (2015), explica em seus livros que desde primórdios já existiam padrões de belezas que eram impostos dentro da sociedade e que com o passar dos anos veio se modificando. O conceito de beleza é algo que persiste há muitos anos, e as evoluções podem ser notadas através de obras de artes, esse raciocínio do que é o belo é o certo a ser seguido tem importância sobre a percepção do que é o corpo ideal.

O padrão de beleza que foi colocado na sociedade com o propósito de estabelecer o emblema de corpo ideal, escultural, considerado algo harmonioso e amável aos olhos de quem vê, e está presente no corpo social desde o começo dos tempos, como pode ser notado em esculturas e obras de artes, a ideia de corpo feminino foi se transformando com o passar dos anos, porém nunca deixou de ser exageradamente importante, tendo assim muitas formas de se expressar, como símbolo de fertilidade ou para comprovar seu poder.

Com a chegada do século XX e da revolução industrial, houve também o crescimento da tecnologia surgindo assim à televisão que colocava mulheres com corpos, cabelos, maquiagem e vestimentas bonitas, fazendo com que as pessoas que assistissem aquela programação quisessem seguir aquele determinado padrão de beleza.

Até hoje muitas pessoas se sentem influenciadas por celebridades que estão estampadas nas mídias sociais, acreditando que aquela beleza é a ideal a ser seguida, e é daí que vêm as frustrações e a vontade de fazer dietas irregulares que ocasionam doenças como bulimia, anorexia, depressão entre outras.

Neste sentido, para averiguar a satisfação das pessoas com os seus corpos e a influência das mídias sociais na estética corporal, será feito um questionário elaboradas e aplicadas as meninas do 4º semestre do curso de Estética e Cosmética das Faculdades Magsul.

O trabalho será dividido em três partes, além desta introdução, sendo a primeira dela o referencial teórico que embasou a pesquisa, destacando o percurso histórico na arte e na mídia por meio da estética, na segunda parte, recorreremos aos procedimentos metodológicos para aplicação e discussão futura referente ao tema; e na terceira parte, apresentamos os resultados da pesquisa, bem como a análise dos dados obtidos, mediante a aplicação dos questionários às alunas do 4º semestre do referido curso.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ESTÉTICA, CORPO E ARTE

2.1.1 Estética

O presente trabalho tem por objetivo apresentar referenciais teóricos sobre a estética, o corpo e a arte, para LUIZ; PAES e RODRIGUES (2006) o estudo da estética nesse trabalho se dá de forma apropriada, pois desvenda todos os mistérios em volta do belo. A estética é o ramo que estuda a filosofia que se junta a esse delicioso problema. Discute entre outras coisas a qualidade e o valor da beleza importante a cientificidade. A estética, em especial determinara os parâmetros de um estudo mais profundo do objeto de pesquisa.

De acordo com ECO, o campo da estética abrange inúmeras considerações além da beleza, podendo citar o gracioso, o cômico, o sublime, o trágico, e entre outros. O objetivo da estética que interessa é quando o belo está sujeito, obedecendo à arte como o intuito de se aperfeiçoar cada vez mais a sua cultura. Dessa maneira é através da estética que se identifica os conceitos limite, ordem e simetria somadas como resultado a sensibilidade de quem a faz.

A explicação proposta pela estética em favor da beleza se apresenta em sua transformação da facilidade; a estética faz com que o belo responda um fim antecipado. A beleza assume um caráter sensualista, com a observação da estética pode-se presumir a essência e a consciência do belo como um reflexo de uma realidade concreta. Dessa maneira, sua concepção se estabeleceu sustentada pelos conceitos de simetria e harmonia, contribuindo no processo de atividade relacionado à história.

Independentemente de a arte fazer parte do mundo humano desde a Pré-história e tenha ocupado lugar de enorme dimensão em todas as civilizações. O conceito de estética foi inserido na filosofia por Alexander Baumgarten em 1750, tratando-se da compreensão por meio dos sentidos. Para ele a estética tinha imposições próprias, já que une a sensação e o sentimento à racionalidade. Estabelece a beleza estética como “a perfeição – à medida que é observável como fenômeno do que é chamado gosto – é a beleza”

LÚCIA e HELENA (2009) explica que Kant (1724-1804) daria seguimento a esse uso, fazendo uso da palavra "estética" para denominar os julgamentos de beleza, tanto na arte quanto na natureza. A partir do século XX, a certificação da vivência de muitos valores estéticos além da beleza levou o objeto da estética a deixar de ser "a produção voluntária do belo". Com esta ampliação o conceito passa a se referir, além dos julgamentos e às avaliações, também às peculiaridades de um objeto, às ações do sujeito para considerar o objeto e, especialmente, à experiência prazerosa que o sujeito pode ter diante de uma obra de arte. Mais importante do que tudo, o estético passou a designar demais valores artísticos, que não só beleza no sentido tradicional.

Por esse motivo, perante o nome estética militamos um ramo da filosofia que estuda coerentemente os valores apresentados pelas obras de arte e o sentimento que causa nos seres humanos. Ao estudar a história das artes, todavia, encontramos expressões como: estética renascentista, estética realista, estética socialista etc. Nesses contextos, a palavra "estética", é usada como substantivo e qualifica um conjunto de propriedades formais que a arte assume em um estipulado período, que condiz ao que chamamos de "estilo". Esse é um significado exclusivo do termo "estética".

2.1.2 Corpo

Em estética evidenciamos o corpo e a imagem como elemento primordial, tomaremos como base o autor ECO (2015) para os primeiros pitagóricos a harmonia resumia-se, além da oposição entre par e ímpar, fica naquela entre limitado e ilimitado, unidade e multiplicidade, direita e esquerda, masculino e feminino, quadrado e retângulo, reta e curva e assim em diante, porém tudo leva a crer que para Pitágoras e seus discípulos seguintes, na objeção de dois contrários, só um deles representa a perfeição: o ímpar, a reta e o quadrado são bons e belos, a realidades diferentes representam o erro, o mal e a desarmonia. Os Pitagóricos consecutivos, que viveram entre os séculos V e IV a.C., como Filolau e Arquitas, consentiram com essas sugestões, colocando-as em suas doutrinas.

Nasce assim a ideia de um equilíbrio nas duas entidades diferentes que neutralizam uma a outra, de uma polaridade entre os dois aspectos que seriam

incompatíveis entre si e que se tronam harmônico justamente porque se apresentam e dão origem, se transportados para o plano das relações visuais a uma simetria.

Portanto, a especulação pitagórica reconhece uma exigência de simetria que sempre esteve em toda a arte grega e que se transformam em um dos cânones do belo na arte da Grécia clássica. Examinemos umas daquelas estátuas de jovem mulher que os artistas do século VI a.C esculpam. Quem sabe elas não seria as mesmas moças que namoravam Anacreonte e Safo, que achavam belos os seus sorrisos, e o seu olhar, o seu passo, as suas tranças? O pitagóricos explicariam que a donzela era bela porque um justo equilíbrio dos humores emprestavam-lhe um colorido amável, e porque seus membros entretinham uma relação justa e harmônica, dado que eram regulados pela mesma lei que rege as distancias entre a esferas planetárias (ECO, 2015, p. 72 e 73).

O artista do século VI tinha que fazer aquela Beleza incalculável de que falavam os poetas e que ele mesmo terá deduzido em uma manhã de primavera ao olhar do rosto da sua jovem amada, porém tinha que efetua-la na pedra, objetivando a imagem da moça em uma forma. Umas das primeiras condições de boa forma eram a justa proporção e simetria. Deste modo o artista criava iguais aos olhos, com igualdade distribuída nas tranças, seios e de certeza proporcional nas pernas e braços, idênticas e rítmicas as obras da veste, harmoniosos os lábios erguidos no típico sorriso vago que define tais estátuas.

2.1.3 Arte

FILHO (2005) diz que as pessoas geralmente se questionam: O que é a arte? E nenhuma conseguiu e quem sabe jamais consiga resumir este difícil fenômeno espiritual do nosso tempo. Para que se possa entender a obra de arte de nosso tempo, e também a de épocas anteriores, é preciso sempre refletir sobre sua natureza dentro do contexto em que ela foi feita e os conceitos pelos quais foi formada. A obra de arte pode ser definida como um objeto que tem a eficácia de expressar uma vivência dentro de determinada organização ou disciplina. E essa experiência vem de condições que determinam uma obra de arte como: pensamento, imaginação, época, lugar e, acima de tudo, o ambiente em que foi atribuída.

É importante também assinalar a diferença entre arte e estética. A primeira apresenta o belo, ao passo que a segunda palavra de origem grega que quer dizer *sensível*, explica este mesmo belo.

Os elementos, individualmente, ou então parte deles, contidos numa obra de arte são frequentemente chamados de forma. O termo forma é também

empregado para designar material visual que os olhos recebem, e organizam, de modo que a mente humana possa captá-la numa composição. O estudo de como os elementos visuais e táteis funcionam ou se estruturam na arte chama-se *análise visual*. (FILHO, 2005, p.10)

Antes de informar a intercessão da arte nesse método LUIZ; PAES e RODRIGUES (2006), explica que se devem relacionar as coisas que reforçam o entendimento da análise destinada. Os ramos a serem empregados em volta da Arte serão a escultura, a pintura e, em momentos estratégicos, a literatura, por se tratar de uma proximidade ligada à imagem, em consequência da dimensão do estudo à manifestação artística. Deste modo, transformando se em mais lógico objetivo destacado.

A Arte é julgada pelos idealistas, como mais sinalizadora da natureza das coisas do que da ciência. A arte mostra mais notadamente, que tanto nas execuções lucrativas como os produtos finalizados são mentais ou espirituais. Na realidade o olhar artístico da própria natureza solucionará espiritualidade fundamental, retratando-a tão obviamente como uma obra do espírito que pode ser deliberada como uma obra arte de arte cósmica ALDRICH (1976).

Para LUIZ; PAES e RODRIGUES (2006), toma-se inicialmente a íntima ligação da produção artística causada em razão da beleza para lapidar as reflexões em volta da imagem. Na visualização a necessidade da representação será determinada para aprofundar essa aproximação desencadeando então, uma espécie de melhoria do desenvolvimento do signo da estética harmonizada ao artístico, explorando sem dúvidas, suas nuances oriundas inclusive do processo natural da arte.

LUIZ; PAES e RODRIGUES (2006), esclarece nesse contexto que a arte simboliza todo o trabalho criativo que se nota consciente ou inconsciente, com finalidade estética, isto é, com o intuito de obter resultados belos. Dessa maneira, para a arte, o caráter do ideal da beleza torna-se subjetivo, pois ela (a beleza) se modifica de acordo com os tempos e com os costumes; o artista certamente se atém mais à provável beleza de sua obra do que na realidade, na elevação ou utilidade que supostamente obtenha.

A indispensabilidade da arte para a compressão do belo se manifesta de modo primordial, já que é através da arte que provavelmente se calca a relação da beleza com a estética. A demonstração artística seria a engrenagem para a cessação desta abordagem em volta do belo, à estética então exerceria de

combustível corroborando essa relação e a filosofia ampararia essa enorme união e cooperação de tal entendimento.

2.2 A ESTÉTICA NA VISÃO DOS FILÓSOFOS E A DEFINIÇÃO DO BELO

2.2.1 Sócrates

Nessa sessão BAYER (1995) explica que a Kalocagatia, que só vemos nos Gregos, é uma concepção meio moral, meio estético, que se expressa em uma fusão da beleza e do bem. Parecia ter sido a própria alma helénica, encantada pelo ideal moral, e pela beleza, que agrupar ambos, e foi na tradição popular que Sócrates achou essa ideia. Nos Económicos de Xenofonte, Sócrates exhibe o que é kalocagatia; ou o sujeito tem um valor moral, e, portanto, é provável que os seus atos sejam morais; no primeiro caso, há uma junção fundamental, porém, as duas características não visam o mesmo objeto, no segundo caso, a ligação é importante, mesmo que o objeto se encontre nas duas qualidades. Sócrates recorre conseqüentemente à observação e chega a esta compreensão já platônica; a beleza, quando se relaciona com o valor moral, é beleza moral e não física. Esta concepção pode formar-se porque entre a beleza moral e a bondade moral existe um laço natural.

Em seguida Sócrates pergunta-se sobre o que é a beleza em si, e para fazer, apela a interlocutores, gente de ofício, cirenaicos, filósofos, como o sensualista Aristipo para quem o prazer vive totalmente no prazer dos sentidos. Depois de ser abordado sobre a noção de belo pergunta-lhe: Como é paz que chamamos belas as coisas de tal modo diferentes? Onde se encontra o traço comum? E Aristipo lhe responde dizendo que deve ter uma identidade: e que o belo deve ser algo bom. Sócrates aprova-o porém não confirma que exista uma identidade.

Para Sócrates, é belo o que é útil e só o que é enquanto é útil. Assim, um adolescente que dança é mais belo, pois a ginástica é útil ao seu corpo, do que aquele que está em repouso (). Sócrates leva a sua doutrina ao extremo: para ele, até as coisas feias podem ser belas se forem úteis, e aqui é obrigado a contradizer-se – os meus olhos são feitos, mas podem olhar de lado, logo são mais vivos e móveis, logo mais belos (BAYER, 1995, p. 35).

Para os filósofos gregos a beleza natural está acima da beleza artística. A natureza que soube formar a vida é superior que todos os artistas. Também era essa a opinião de Platão, que afasta os artistas da sua República. Sócrates, filho de escultor, dava-se com os artistas. Nos Memoráveis de Xenofonte, revela que o pintor não deve se contentar em retratar formas e manchas, mas expressar paixões: não é, pois a favor somente da beleza formal: a arte deve emitir igualmente um conteúdo.

Chega a formular ao artista a representação dos objetos para fim moral: é uma arte moralizadora. Sendo assim Sócrates é então o chefe da beleza antiformalista, adepto do conteúdo, e a sua estética utilitária transforma-se para ele em um gênero de lógica naturalidade e. Ensina o belo para o “perfeito”, o “final”.

É então que aparece Platão. Para o seu primeiro diálogo estético, tem se tomar, antes de mais nada, posição perante as teses preexistentes, e é a isso que respondem as quatro preocupações do *Hípias*.

Em primeiro lugar, o *Hípias* e os Sofistas. Ao que parece, a Escola de Mégara, nessa época, é a tentativa de formalização retórica do método mitológico-poético. Toma a forma de exemplos separados; apenas o particular é tratado: <<a bela égua>>, o ouro e as matérias: <<a bela lira>>. Este período parece revelar a incapacidade de se erguer até ao geral. Ora, o que é preciso, como Sócrates mostrara, é assentar definitivamente do belo em si, e fazer a distinção do belo enquanto belo e das coisas belas.

Em segundo lugar, as teorias da conveniência e da disposição das partes. Ainda não encontramos aqui nenhum sinal de pitagorismo. O formalismo e os esquemas só tem valor se forem belas as partes que contêm: o que é recuar o problema até o infinito (BAYER, 1995, p. 36).

Em seguida a teoria do útil, é, sobretudo socrática e apenas vale pela crítica e não pelo poder de fazer o mal; o benéfico que é bom. Entanto, Sócrates completa a doutrina do *Kheresimon*, pelo *ophelimon*. Essa doutrina resvala para o bem e mesmo para Platão, e é a *Kalocagaria* que parece prevalecer com Sócrates.

2.2.2 Platão

BAYER (1995) explica que Platão foi (427 a. C.) verossimilmente pintor e dirigiu-se seguramente com artistas como o pintor Parrásio e o escultor Cleitos. Platão não escreveu uma estética corretamente dita, porém a sua metafísica é inteira de uma estética. Wilamovit assegurou, sem senso, que a filosofia de Platão era política e social. Porém pode se assegurar com mais razão que a metafísica platônica é uma estética.

A estética de Platão fortifica toda a sua metafísica. Lembrando apressadamente os traços fundamentais da sua filosofia, observaremos

como ela é estética por si própria. Temos em primeiro lugar a noção capital *da noesis* e os direitos da intuição para além de toda a *dianoia*. Os objectos da natureza só existem por imitação ou por participação nas Ideias; O mundo é criado por modelos e por paradigmas. O Demiurgo vê-se portanto como um artista com modelos impecáveis e esculpindo tudo. O belo é autónomo na sua essência e no seu fim: é o *kalon kath'auto*. É uma estética ao mesmo tempo objecta e que permanece sensual e sensualista. Finalmente, é uma estética hierárquica, subindo de plano em plano até à noção suprema de *kalocagatia* em que o belo e o bem se identificam (BAYER, 1995, p. 37).

Para Platão a beleza tem uma existência autónoma, diferente do suporta físico, quem ocasionalmente a exprime, ela não está, entanto, ligada a este ou aquele objeto físico, porem brilha em todo lugar.

A beleza não condiz aquilo que se vê, para Platão o corpo era uma caverna escura que confina a alma, a visão sensível deve ser melhor que a visão intelectual, que requer aprendizado da arte dialética, ou seja, da filosofia. Nem a todos é dado perceber a real e verdadeira beleza. Em contrapartida, a arte propriamente dita é uma falsa cópia da legitima beleza e tal como é deseducativa para os jovens: é melhor então bani-las das escolas e modificar pela Beleza das formas geométricas, fundamentadas em uma concepção matemática do universo.

Existem três definições de conceito da Beleza

- 1- A primeira é o interesse, o que é aplicado a propósito (prepon): << A colher de madeira de figueira é mais conveniente á marmita do que a colher de ouro. >>. Porém esta definição está submetida à crítica: a vantagem é uma relação entre vários objetos, entre as partes de um todo arrumado. Se as partes são consideradas belas em si, a beleza não vem da sua disposição, e dessa maneira vai atrasando até o infinito. Se as partes não são belas, a disposição só pode reproduzir a aparência do belo, não a realidade.
- 2- A segunda definição é o *Khresimon*: <<. Digo que, em nossa opinião, afirma Sócrates, o belo é o útil. >>. É por outras condições, a eficácia de fazer uma coisa, o que é feio a fraqueza. Essa significação levanta também objeções. Obvio que o belo não é a potência de criar o mal. Ser eficaz não significa ser belo, só o proveitoso pode ter esse direito. É necessário ergue-nos *do Khresimon* ao *Phelimon*. O proveitoso é o que faz bem. Porém, a segunda é mais gestava objecção: o belo, poder de produzir, contudo, que estão aqui em uma relação ridícula e desigual à nossa crença: sendo o bem inicial e causa suprema.
- 3- A terceira definição tentada começa em 297 e: é o prazer, porém apenas aquele que vem do ouvido e da vista: << O belo é a parte do agradável que tem por

origem o ouvido e a vista. >>. É necessário, com efeito, delimitar o agradável a estes dois sentidos para a soberania do belo. Porém esta opinião ainda levanta críticas: será um prazer de um e de outro, ou vem de um ou do outro? A causa do belo não está na vista, e nem no ouvido, mais em algum lugar. De outro lado, um prazer não distingue-se de um prazer enquanto prazer. Se a vista e o ouvido são variados, o único caráter banal que lhe resta um fechamento possível, para explicar o uso, é que tomados em grupo ou separadamente, <<são os mais inocentes ou os melhores de todos.

É necessário talvez concluir então que o belo é o afável vantajoso. E, nessa finalização duvidosa, a simples possibilidade que termina a obra em um acorde, não solucionado, alcançou o tema velado mais perseverante que se desenvolve, sem nunca se mostra, sob toda a obra: a afinidade inevitável da noção do belo e do bem, a Kalogatia socrática.

2.2.3 Aristóteles

Neste capítulo será usado o livro de BAYER (1995) para pode explicar sobre a estética de Platão que para ele não existe, propriamente dizendo, uma estética de Aristóteles, como não há de Platão. Porém se toda a filosofia de Platão é estética, Aristóteles não é uma artista. É um naturalista, e mostra as suas convicções com a segura e a exatidão de um sábio. Sua obra entende, por um lado, teses práticas sobre a criação artística, por outro lado, uma parte da ciência da arte que lidou com o problema de tal modo que a todo o momento a ele se recorre: um gênio esquiço da fatalidade. Além do mais, na Metafísica de Aristóteles, é necessário procurar alguma coisa que se assemelhe com a estética, uma estética implícita.

A estética de Aristóteles é excessivamente louvada. Desenvolvido com tudo o que está dentro dela. A única estética inteira, a tragédia, é uma verdadeira minuciosa, feita segundo uma hipótese das figuras e dos modos de raciocínio.

Pode-se expressar a possibilidade que Aristóteles descenderia de Platão. Com resultado a primeira vez que Aristóteles disse sobre uma atividade que não a atividade teórica e prática, foi de Platão que saiu. Na sua explicação do homem de Estado e na sua apuração das demais formas de atividades racionais do homem de Estado, Aristóteles chega a este entendimento toda a razão é ou conhecente, ou atuante, ou criadora. O início da forma emana de um subordinado, e este surgimento

habita na sua razão, ou na capacidade técnica, ou em um dom inato: é o artista perspicaz, ou o artesão, ou o artista dotado.

Aristóteles não concebe o belo e o bem como categorias práticas ou técnicas, antes lhes atribui um valor cósmico ou metafísico. Para ele, a arte técnica, o belo é metafísico. Na sua *Metafísica*, toma a entelêquia, a realização do fim como princípio essencial. A principal questão da estética é para Aristóteles, como para Sócrates, a questão das relações do belo com o bem ou com o útil. Os dois conceitos não são de modo algum idênticos, enquanto que em Platão continuam a ser possíveis as confusões (BAYER, 1995, p. 48).

Aristóteles também cita sobre o bem pratico, é um princípio de ação, de atividade; e está unida ao esforço e a vontade e está na ação humana: “o que encontra a sua realização na ação é o bem prático”. Não se trata somente da virtude que não é senão um bem junto de outros. Nessa esfera localiza-se um domínio elevado aos outros: a Eudemonia, onde vive o bem em si. “O que é desejado não para outra coisa, mais para si”. “Está aqui, no fundo, a ideia de bem de Platão. A concepção de valor é determinada pelo mesmo critério. Desse modo uma hierarquia dos bens em três grupos: os bens exteriores, os bens do corpo, e os bens da alma. O maior dos bens exteriores, segundo ele, seria a amizade, que seria excedente aos bens da alma. A natureza, ao aplicar um princípio de modo geral, é pautada por uma causa final: o bem de cada ser gera o bem que lhe é próprio pela produção dos seus dons naturais congênitos e segundo a sua natureza: é relativismo de Aristóteles. Não existe um só bem para todos os seres, porem para cada ou fração de ser: o bem para o olho, por exemplo, a visão. O valor reside na veemência com que cada ser faz o seu próprio fim.

2.2.4 O que é o Belo

Nesta sessão terá como referencial teórico o livro de ECO (2015) se formos julgar nossas experiências com base no que vivemos no dia a dia, acabamos determinando o que é “bom” aquilo que não nos agrada, entretanto o que adoráramos ter. Imensas são as coisas que julgamos como boas: amor recíproco, integridade, um jantar rebuscado, em todos esses exemplos gostaríamos de obtê-las também. É um bem que instiga nossas vontades. Até mesmo quando acreditamos que uma boa ação é honesta, desejamos que nós mesmos pudéssemos ter executadas, ou nos propormos a executar algo tão nobre igual à mesma, instigados pela experiência daquilo que julgamos ser algo bom. Se for refletir sobre as atitudes

distante que nos deixa definir como belo um bem que não estimula as nossas vontades, entender que falamos de Beleza quando disfrutamos de algo que é livre da questão de termos ou não.

As situações adversas que a época moderna determinou entre Beleza e Arte não é algo assim tão óbvio. Se algumas opiniões da estética moderna identificaram somente a Beleza da arte, desprezando a Beleza da natureza, nos demais períodos históricos ocorre o contrário: A Beleza era mais característica que somente a natureza podia ter (como o brilho da lua, a beleza de uma fruta, a beleza de um colorido) à medida que a arte possuía apenas a obrigação de reduzir as mesmas de sempre, dessa forma tinham que se adaptarem as propostas que lhe foram designadas- a ponto que se presumia que arte a tanto a do pintor como a do escultor era igual à do construtor de barcos, marceneiro ou barbeiro. Apenas bem mais tarde foram diferenciar pintura, escultura e arquitetura daquilo que na atualidade é chamada e artesanato, é que constitui a de Belas Artes. No decorrer dos séculos, filósofos e artistas sempre formaram uma definição do belo; graças a esses fundamentos é possível, desta forma, refazer uma história das ideias estéticas ao longo dos períodos. Já com o feio, foi o oposto.

Muitas das vezes, o feio era determinado em contradição ao belo e quase não se encontrava tratados mais amplos e consagrados ao tema, mas apenas citações parentéticas e marginais. Deste modo, se uma história da beleza pode despor com uma vasta série de testemunhos teóricos (cujo poderá entender o gosto de estipulada época), uma narrativa da feiura haverá de buscar seus próprios comprovantes nas personificações visuais ou verbais de coisas ou pessoas deduzidas de alguma maneira como “feias”. Dizer que belo e feio são relativos aos tempos e às culturas (ou até mesmo aos planetas) não significa, porém, que não se tentou, desde sempre, vê-los como padrões definidos em relação a um modelo estável.

2.3 PERCURSO HISTÓRICO DA ARTE

2.3.1 Pré-história

Irá ter como porte teórico para a arte o livro de BAYER (1995) que destaca que a estética da pré-história provavelmente seja um falso problema: não existem autores na pré-história, todavia pode-se retirar uma ciência da arte de obras de artes

dada. É capaz de se pressupor a inteligência e empatia dos homens. A inspiração de uma obra de arte pressupõe de uma correta direção de energias do homem, que coincide muito diretamente com que solicitamos à estética.

Quando olhamos as obras estéticas de um ponto de vista muito geral, parece-nos que quanto mais se remonta no tempo, mais simbólica é a arte e menos o homem é capaz de ver as coisas como elas são: é um fenômeno de "mentalidade pré-lógica". Ora é, porém, o contrário que nos mostram as descobertas da Pré-história e da arte grega. Um dos caracteres essenciais da arte pré-histórica é o realismo: a representação dum grande cervo elafos em Altamira, dum cavalo nas Combaralles, basta nos -provar que o artista é igualmente caçador e figurou o animal de uma maneira instantânea, como se apresenta durante uma caçada. À primeira vista, este realismo pareceria contradizer a hipótese da visão mágica, pois ela deveria interpor-se entre o olho e a realidade: veremos que não é assim. Além disso, a arte pré-histórica é uma arte intelectual no sentido de o artista conceder a si mesmo uma certa liberdade para deformar esta ou aquela parte do animal a fim de lhe dar mais força e expressão. Veremos também, contudo, que devem ter intervindo preocupações de ordem mágica para exagerar mais essas deformações intencionais (BAYER, 1995, p.17).

A arte parietal ampliou-se devido ao profundo discernimento que os caçadores possuíam das formas e hábitos animais; a arte da caça preenche a maioria das grutas decoradas. Por muitas das vezes argumentou-se o fim substituído pelo gravador, escultor ou pintor pré-histórico que era unicamente mágico se nos depararmos na existência da arte pela arte.

A arte parietal franco-cantábrica dedicou-se acima de à figura excluída, frequentemente animal, dificilmente humana, e mal se pode referir-se a exemplos de arranjo teatral como o de Lascaux.

Remetendo-se aos primórdios da pré-história e acreditando antes demais nada que o Paleolítico Superior clássico, procurou por muitas vezes esclarecer o surgimento da pintura pelo gozo do adorno. Achou-se a explicação entre o útil e o desinteresse: desejar agradar aos demais e a preocupação fundamental na arte. Manifestou-se a teoria que os homens, ao desenharem seus próprios corpos acabaram deixando sinais das tintas nas paredes que estavam em suas mãos, foram cativados pelo efeito realizado e conduziram então minuciosamente as cores para as paredes.

No homem pré-histórico, a memória estava muito desenvolvida em todos seus aspectos. Nas cavernas, não havia modelo, tudo era reproduzido pela memória visual, notável em todos e mesmo perfeita em alguns. A mimética do antigo homo sapiens era mais desenvolvida do que entre nós. Usavam sem dúvida uma linguagem de gestos e a imitação fazia parte da sua vida. Mas esta imitação era por

vezes inexata; o artista pré-histórico reproduz frequentemente os movimentos mais fáceis, faz um círculo para o olho: para ele não é um estudo, é um símbolo. (BAYER, 1995) descarta pormenores e só traduz o que lhe interessa. Acrescenta, em compensação, partes que não existem, por exemplo, seis pernas para representar o movimento.

De acordo com GRAÇA (2008), diz que Vênus de Willendorf foi considerada também um símbolo de beleza no período da pré-história, por conta de seu excesso de peso. Este ideal ancestral mostra a parte externa dos órgãos genitais, as mamas e o ventre abundoso e as grandes nádegas. Na antiguidade, Vênus para os romanos- ou Afrodite para os gregos – era uma deusa que provocava amor nos deuses e nos seres humanos. Em várias épocas, artistas a retrataram como uma mulher nua e bela, ao menos para os padrões de beleza da época.

Figura 1 - Vênus de Willendorf, símbolo de beleza na Era Paleolítica



Fonte: GRAÇA (2008).

No século XIX, em escavações na França, foram descobertas esculturas de figuras femininas pré-históricas. Os arqueólogos denominaram de Vênus. Da mesma forma a figura de Willendorf ganhou o nome de Vênus.

2.3.2 Egito

No Egito antigo durante o reinado de Akhenaton foi inventado um estilo característico de arte, no qual as obras começaram a ter traços mais realistas, dá para se notar isso na estátua do busto de Nefertiti. A beleza mostrada nessa época tinha como padrão estético o uso excessivo da maquiagem com traços

marcantes, especialmente o forte delineado em volta da área orbicular para destacar os olhos os faraós e suas principalmente rainhas que usavam adereços e cosméticos para se destacar pelo fato de estar em um cargo grandioso.

Figura 2 - Nefertiti. Século XIV, a. C. Calcário, Berlim



Fonte: ECO (2015).

2.3.3 Grécia

A escultura feita de mármore mostra Vênus de Milo 200a.c., leva esse nome por ter sido descoberta na Ilha Grega de Milos em 1820. Que faz a representação da Deusa da beleza, a suas características possui traços leves tendo um corpo tapado com algumas curvas sem ser indispensavelmente muito magro, expõe uma sensualidade por estar com o colo completamente amostra e os cabelos presos que autoriza a visualização total da parte superior do corpo oferecendo um tom de delicadeza à estátua e o fato de demonstrar um ser Mitológico que é justamente ligado à beleza e o amor torna-se um modelo de mulher a ser usado.

Figura 3 - Vênus de Milo, 200 a.c



Fonte: GRAÇA (2008).

2.3.4 Roma

Para os Romanos a beleza era essencial. Os banhos com sais aromáticos e termais, os treinos e as massagens, faziam parte do hábito de beleza da época.

Apesar das maquiagens serem exageradas essencialmente pelas Cortesãs, mulheres chamadas desse modo, porque tinham liberdades com os homens. Porém ao mesmo tempo as mulheres que faziam parte da elite também usavam, porém com certa distinção (PALOMINO, 2002).

Figura 4 - A beleza da mulher romana



Fonte: MARIUS 70 (2006).

2.3.5 Idade Média

Com a queda do Império Romano e o controle do Cristianismo. A igreja passa a notar e punir a vaidade exagerada dos Gregos-Romanos designados como “hábitos pagãos” os costumes excessivos de banhos aromáticos e massagens com óleos perfumados dos romanos.

Com essa nova determinação de pensamentos as mulheres começaram a usar roupas mais longas e rodadas, seus cabelos eram totalmente cobertos com toucas.

Do mesmo modo mostravam suas vaidades, pois a beleza era essencial alguns toques e seus cabelos eram feitos com água de lixívia.

Suas sobrancelhas eram totalmente despidas e a testa aumentada pela epilação da linha dos cabelos, beliscavam a face para dar o tom rosado na maçã do rosto e mordiam os lábios para ficar rosado (PALOMINO, 2002).

Figura 5 - O Casal Anorfini



Fonte: PALOMINO (2002).

2.3.6 Renascimento

No período renascentista italiano (Sec. XV e XVI) um quadro tendo como tema Vênus que para os gregos é classificada como a Deusa do amor e da beleza, eles acreditavam que era importante mostrar em suas obras uma imagem de ser perfeito em corpo e face fossem em escultura e pintura, tornando-se o padrão daquela época uma mulher com curvas, mostrando a extrema beleza e sensualidade. Na obra dá para ser percebido o movimento que traz leveza e frescor para momento e a paisagem.

De acordo com estudos de Sergio P. (1998) “Nascida da espuma do mar Afrodite é a deusa do desejo amoroso. Nas teias do amor enredam homens, animais e até mesmo os deuses”. Por isso dá-se a entender melhor a obra (O nascimento de Vênus) que expõe Afrodite em cima de uma concha nua com flores voando ao seu redor com o corpo totalmente amostra que demonstra suas diversas curvas e seus longos cabelos loiros e ondulados.

Figura 6 - O Nascimento de Vênus (c. 1485) de Botticelli



Fonte: GRAÇA (2008).

2.3.7 Século XVIII

BAYER (1995) assegura que o século XVIII foi marcado pela razão, moral e honestidade. A razão era propriedade de todo homem, e o “honnête homme” era o homem perfeito dessa época: um homem comum, respeitoso à tradição, espontaneamente apagado diante da sociedade dos homens. O corpo social da época sonhada almejado do século XVIII resumia-se em um equilíbrio perfeito efetuado pelos indivíduos de bem a égide sensatez que retratava o senso geral.

Mas também se disse do século XVIII que foi o século da razão. A razão no século XVIII é tomada num sentido diferente; não é já o senso comum, mas uma “potência crítica”. Crer não bastava, era preciso ter a certeza; o espírito crítico apareceu e não levou muito tempo a triunfar. O primeiro dever da razão era examinar, e reconheceu-se que o mundo estava cheio de erros que a tradição garantia como verdadeiros. O papel da razão era, pois, derrubar a tradição existente e substituí-la por um novo conhecimento da verdade. O século XVIII procurou substituir o ideal do “honnête homme” por um novo ideal humano (BAYER, 1995, p. 157).

Padre André, no início do Ensaio, apresenta seu ponto de vista em relação ao belo em três tópicos e continua com essa distinção em toda sua obra: existe um belo indispensável e independente em toda a entidade, mesmo divina; há também uma espécie de bela entidade humana, que até determinado momento, arbitrário. Porém o belo pode ser classificado ou no espírito ou no corpo, para não se confundir ainda é necessário, a modo cartesiano, é preciso separa-las em belo sensível e belo compreensivo: “o belo sensível que captamos nos demais e o belo compreensivo que captamos nos espíritos”.

A estética alemã durante a primeira metade do século XVIII foi influenciada, por um lado, racionalismo francês, e por outro, pelo sensualismo inglês. Depois de 1756 os alemães tentaram uma síntese nova e original destas apropriações. “Para

Descartes, o belo é o verdadeiro, distinto e claro, revelado por ideias inatas. A arte é a imitação idealizada da natureza e dos Antigos, submetida à verdade” (BAYER, 1995, p. 173).

No decorrer do século XVIII, a filosofia europeia foi bastante influenciada pelas concepções de Leibniz (1646-1716). O seu entendimento sobre o universo, como a de Platão, é qualificado por um olhar estético. Seus ideais sobre o belo, a admiração e o prazer encontram-se aperfeiçoadas em *A Beatitude* (1710/1711) e em *A Monadologia* (1714). *A Beatitude* é um opúsculo dos quais os fins não são estéticos, porém religioso e moral. A esfera do estético não está mais nitidamente em evidencia; será obrigação do século XVIII separar a estética da mora, e a obrigação de Kant, porém particularmente, desligar esses dois fatores.

Figura 7 - honnête homme”, o homem perfeito da época



Fonte: BAYER (1995).

2.3.8 Século XIX

Segundo BAYER (1995), aquilo que se contradizia ao racionalismo extremo e decorrente leva a suposição de o belo é o espírito histórico. A arte está perante a submissão do clima, da história, da cultura, dos costumes, da religião, do progresso educativo de uma nação. É irreal desconectar a arte da vida da sociedade; a evolução prossegue e tudo muda e se caracteriza.

De “acordo com Chateaubriand, o cristianismo concedeu, a partir de seu nascimento, o” “belo ideal moral” ou o “belo ideal dos caracteres”. Destacam-se duas categorias de belo ideal: o belo moral e o belo ideal físico, provenientes um em outra sociedade. O homem primitivo, vivendo muito próximo ao meio ambiente não identificou esse belo ideal. Após a medida sociedade desenvolveu as necessidades

da vida, os poetas compreenderam que não se pode pintar tudo o que se avista, porém, ocultar várias partes do quadro.

A estética é de algum modo, uma formulação de ritmo. Desde 1871, alguns acharam que o método psicólogo até aí utilizado era insuficiente. Para se tornar científico o método experimental, procuraram por meio de instrumentos unirem o método psicológico do método experimental, isto é, tentar aplicar as leis da física aos fenômenos do eu. Porém é difícil aplicar esta experiência ao domínio da estética que é o sentimento. Tentar medir sentimento, o prazer ou a pena é mais difícil que medir os fenômenos que não ultrapassam ou ultrapassam o limiar da consciência. É necessário aproveitar processos especiais.

Figura 8 - Chateaubriand



Fonte: BAYER (1995).

2.3.9 Século XX e a beleza da Mídia

Conforme explicado por ECO (2015) a arte do século XX possui entre seus traços específicos uma incessante atenção focada para objetos de consumo, no período da comercialização da vida e das coisas. A diminuição de qualquer objeto a os produtos eram constante desaparecimento do valor de consumo em um mundo ajustado exclusivamente pelo valor da troca transforma-se drasticamente a natureza dos objetos do dia a dia: o objeto precisava ser útil, pratico um tanto econômico, de gosto popular, fabricado em série. Isso quer dizer que na circulação dos produtos os conceitos avaliativos da Beleza mudam cada vez mais e com mais frequência, para os tópicos quantitativos: é a missão que define a apreciação do objeto, e se maior for a quantidade dos objetos fabricados a partir do modelo de início, maior será a funcionalidade e a contemplação.

Aqueles que visitam uma exposição de arte da vanguarda, que resolvem comprar uma escultura “incompreensível” ou que contribuem de um *happening* enfeitam-se conforme os cânones da moda usavam jeans e roupas assinadas, se maquiam de acordo com o modelo e Beleza sugeridos pelas capas de revistas cintilantes, cinema e televisão, isto é, pelo *mass media*. Todos seguem os ideais de Beleza apresentados pelo consumo comercial, são aqueles que a arte das vanguardas sempre defrontou há mais de cinquenta anos ECO (2015).

Figura 9 - Xanti Schawinsky, para o Studio Boggeri, Olivetti, fotomontagem para calendário, 1934



Fonte: ECO (2015).

Marylin Monroe

Segundo LESSANA (2006) “O pecado mora ao lado (The Seven Year Itch), dirigido por Billy Wilder e Feldman. Um novo contrato teria início em agosto do ano de 1954; ela ganharia por O pecado mora ao lado luvas avaliadas em cem mil dólares. Marilyn Monroe foi uma atriz de grande importância da década de 50, que para época comprovou em sua atuação ousadia ao interpretar personagens sensuais e seguras de si, por isso o crescimento de sua popularidade especialmente entre os homens, ficou marcada como uma mulher de corpo invejável, tendo medidas certas, de cintura fina e um corpo em formato de ampulheta.

Figura 10 -

Figura 10 - Marilyn Monroe (1926-1962)



Fonte: ECO (2015).

2.3.10 Influência da Mídia

LAUS (2012) afirma em suas explicações que ainda que transmitidos pelas famílias e pelos pares, a mídia é apontada como a responsável pelo espalhamento dos ideais de forma física que ressalta a extrema magreza para mulheres e corpos extremamente definidos para os homens. Esse ideal passa a ser desejado e cultuado, e a não semelhança aos padrões podem manipular o entendimento de imagem corporal nas pessoas de todas as idades.

Várias pesquisas alegam que aqueles que leem muitas, revistas e assistem muita televisão apontam maiores índices de descontentamento com sua imagem. Infinitos estudos em países ocidentais apontam que mulheres convertem-se em pessoas mais insatisfeitas em relação aos seus corpos e sua aparência logo após se depararem com fotos de mulheres magras e os homens apresentam certo descontentamento após verem fotos de modelos com corpos musculosos.

No momento em que as pessoas são expostas a imagens que se encaixam no padrão de beleza atual, aprovado e disseminado pela mídia, obtêm a mensagem de como devem parecer e se portar para serem consideradas pessoas atraentes. Ao olhar essas imagens, as pessoas constantemente notam uma discordância considerável entre sua própria fascinação e a dos modelos, causando desagrado. Além de tudo, a mídia frequentemente exhibe mensagens com características positivas, por exemplo, o autocontrole, felicidade, poder, liberdade, autonomia e bem-estar, está relacionado ao ideal sociocultural e encanto, o que expande o desejo de se encaixar dentro desses padrões para atingir o sucesso em todos os aspectos de sua vida.

Figura 11 - Influência da mídia com adolescentes do sexo feminino



Fonte: DOVE (2016).

Segundo DUNKER e PHILIPPI (2003), explica que a incidência de transtornos alimentares dobrou nos últimos 20 anos. Especialmente em relação à anorexia, o número de casos novos por ano teve um aumento progressivo entre os anos de 1955 e 1984 em adolescentes com idade entre 10 a 19 anos. A prevalência de anorexia nervosa (AN) varia de 2% a 5% em mulheres adolescentes e adultas. Nos Estados Unidos é a terceira doença crônica mais comum entre adolescentes, só perdendo para a obesidade e a asma.

O crescimento de incidências corresponde com ênfase na magreza feminina como uma expressão de atração sexual. Nos dias de hoje a sociedade admira a atratividade e a magreza em especial, fazendo da obesidade uma condição altamente rotulada e ignorada. A combinação de beleza, sucesso e felicidade com um corpo magro tem feito com que as pessoas começassem a criar à realização de dietas abusivas e de outras maneiras não saudáveis de regular o peso.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A metodologia tem como base obter resultados através de pesquisas bibliográficas que expliquem sobre a beleza em cada determinado período e sua importância para aquele momento e a influência da mídia.

O presente trabalho teve início através de uma revisão bibliográfica, dispondo como bases obras de artes e a visão dos filósofos sobre o belo, houve também uma pesquisa feita dentro de sala, no curso de Estética e Cosmética das faculdades Magsul, do 4º semestre para saberem suas opiniões sobre a influência da mídia em suas vidas.

Para SEVERINO (2007) a pesquisa bibliográfica é aquela que se faz a partir do registro à sua disposição, resultante de pesquisas antecedentes, em documentos que estejam impressos, como livros, artigos, teses etc. Geralmente se utiliza dados ou de classes teóricos já usados por outros pesquisadores em seus trabalhos e corretamente registrados.

Ele ainda também explica a importância da pesquisa bibliográfica através de estudos estruturados que podem se comparar com novas obras ou trabalhos, servindo como fundamento para criar estudos que se associam parte de uma obra a outra.

Conforme LUDKE e ANDRÉ no livro Pesquisas em Educação: Abordagens Qualitativas (1986).

“Estamos habituados e muitas vezes” ficamos irritados com o seu uso e abuso pelos meios de comunicação de massa, especialmente pela televisão, que nos atinge de forma tão direta e onde podemos flagrar a inabilidade de um entrevistador que antecipa a força a resposta de do informante. (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p. 33).

A pesquisa pode ser apresentada de várias maneiras sobre a visão de um projeto, mais depende de como a questão será formulada, já que de alguma forma pode inibir o entrevistado a responder de maneira com que o entrevistador espera ou acaba levando da resposta curta que não explica totalmente a visão do entrevistado.

De acordo com FONTENELLA, B. e LUSHESI, B. (2011), uma pesquisa deve ocorrer de questões, estando impossível dispensar de estabelecer quais dados serão importantes e suficientes para poder entendê-las. Então uma pesquisa qualitativa pretende não só o recolhimento de dados bibliográficos, porem também a

utilização de entrevistas focadas em responder perguntas que serão conectadas com o estudo teórico.

Os documentos teóricos de pesquisa dispuseram com bases de argumentos que relatam sobre a aparência para poder ser retratado com detalhes a evolução da beleza em cada período e que poderia ter inúmeros significados, exemplo, diferenciação de status na sociedade.

A pesquisa literária tem como tema também a influência da mídia e o que ela pode gerar nas pessoas para se ter um corpo de melhor aceitação dentro da sociedade, mas muitas vezes isso acaba gerando uma insatisfação em relação ao seu corpo, fazendo com que as pessoas acabem tendo doenças como anorexia, bulimia etc.

A influência da mídia tem muito poder na vida das pessoas fazendo com que elas acreditem que aquilo que está sendo exposto em redes sociais, tv e revistas são o certo a ser seguido e quando não se vem os resultados esperados começam as frustrações e as doenças sejam elas psicológicas ou físicas.

LUDKE e ANDRÉ (1986) explica que os dados coletados são predominantemente descritivos. O material recebido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações e acontecimentos. É por isso que o questionário é feito dentro de do curso de Estética abordando a opinião delas em relação à mídia.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com a finalidade de tratar os dados do respondente para realização dos objetivos e de responder à questão problema a que se propôs o presente trabalho foram analisadas e discutidas as respostas mediante a elaboração de um questionário (apêndice A) aplicado a dez alunas como citado anteriormente.

A apreciação das respostas será efetuada a seguir de acordo com os 8 (oito) tópicos do questionário, a primeira indagação buscava-se obter opiniões das entrevistadas em relação à definição sobre beleza,

Entrevistada A: Beleza é o que cada um tem de belo em si mesmo a diferença entre cada um, é o que tem de belo no ser humano.

Entrevistada B: Beleza não é um padrão pra mim, cada indivíduo tem uma.

Entrevistada C: É aquilo que tem suas próprias características, algo único que está presente em cada um.

Entrevistada D: Beleza pra mim é a pessoa se amar acima de qualquer coisa. Se aceitar da forma como seu biótipo for.

Entrevistada E: A beleza é algo além da aparência estética mais sim são os traços mais marcantes que cada pessoa possui como o seu sorriso e os seus olhos.

Entrevistada F: Aquilo que seja atraente aos olhos.

Entrevistada G: É se sentir bem consigo mesma com seus defeitos e qualidades.

Entrevistada H: A beleza está dentro de cada um de nós.

Entrevistada I: Beleza para mim é aparência que nos deparamos quando vista algo que influencia no ato extremo da pessoa.

Entrevistada J: Arte de se embelezar, aquilo que é bonito e destacar mais.

As entrevistadas mostraram seu conhecimento em relação com o que o foi dito sobre a definição de beleza, e para elas a beleza está nos olhos de quem vê e no modo se sentir bem em relação ao seu corpo. Para LAUS (2012, p.17), a imagem corporal pode ser estabelecida como as “percepções, pensamentos e sentimentos de uma pessoa a respeito do seu próprio corpo”. Refere-se a uma definição peculiar, que contém uma grandeza sensível e uma comportamental, pois cada indivíduo possui um entendimento único e a seu respeito, seja de tamanho, aparência e peso referentes às suas medidas em relação ao corpo como um todo ou pelo menos parte dele.

Neste sentido, a segunda questão procurava-se entender sobre a influência dos padrões de beleza impostos pela mídia, as entrevistadas disseram:

Entrevistada A: Um pouco.

Entrevistada B: Sim, pois a mídia tem influenciado na aparência facial como corpo ideal.

Entrevistada C: A maioria das pessoas sim, eu tenho meu padrão natural.

Entrevistada D: Já me senti, hoje em dia tenho mais consciência sobre esse tema.

Entrevistada E: Sim, principalmente pela internet.

Entrevistada F: Um pouco.

Entrevistada G: Muitas vezes sim. Pois queremos sempre se igualar a alguém.

Entrevistada H: Sim, porque constantemente estamos mudando.

Entrevistada I: Não, acredito que cada um tem sua beleza, de formas diferentes.

Entrevistada J: Sim, pelo fato de se sentir bem.

A maioria das entrevistadas disseram se sentirem influenciadas pela mídia, seja para se sentirem bem consigo mesma ou se igualar a outras pessoas, pois como bem explica BROKHOFF et al (2012), Khan, Khalid, e Jabeen (2011) e Luther (2009) as mídias são convincentes e as mensagens vinculadas podem demonstrarem uma aproximação negativa entre si e as imagens corporais entre adolescentes e adultos jovens de ambos os sexos.

Quando questionadas sobre se sentirem influenciadas pelos padrões de beleza que estava sendo expostas em algum momento de suas vidas elas responderam:

Entrevistada A: Sim

Entrevistada B: Por vezes, pois a mídia influência muito.

Entrevistada C: Sim, com um corte de cabelo, a magreza.

Entrevistada D: Sim, quando era criança queria ser magra, pois a maioria das pessoas que convivia eram magras.

Entrevistada E: Sim.

Entrevistada F: Não

Entrevistada G: Não.

Entrevistada H: Sim, nos meus 15 a 16 anos de idade.

Entrevistada I: Sim, porém o melhor da moda somente.

Entrevistada J: Sim, já que não tem como não seguir.

Segundo Vargas (2014) descreve a mídia, com destaque para a televisão, como um difusor de educação, justiça, fatos e até cuidados com o corpo. Contudo a divulgação de propagandas pode apresentar-se de forma maléfica, gerando uma imagem corporal distorcida. O conflito entre a imagem corporal e o desejo pelo “corpo perfeito” não constitui um problema, desde que nenhuma característica que se torne padrão a ser alcançado.

Sendo assim, percebe-se que a maioria das entrevistadas são influenciadas pelo padrão de beleza exposto pela mídia, trazendo sérias consequências a sua vida física e psicológica conforme o entendimento de Vargas citado anteriormente.

Assim, no momento em que foram questionadas se já tinha passado por alguma situação de doença devido a alguma dieta que fez para tentar alcançar um corpo que observou em algum meio de comunicação, e elas mencionaram:

Entrevistada A: Sim, bulimia e anorexia.

Entrevistada B: Não, nunca fiz.

Entrevistada C: Não.

Entrevistada D: Não, nunca fiz dieta, tento manter os padrões saudáveis.
 Entrevistada E: Nunca.
 Entrevistada F: Sim, tive anemia para ter um corpo representado pela mídia.
 Entrevistada G: Não.
 Entrevistada H: Não, nunca fiz dieta.
 Entrevistada I: Sim.
 Entrevistada J: Não.

As entrevistadas “B, C, D, E, G, H e J” relataram que nunca tiveram passado por dietas, porém, pelo menos 3 (três) delas disseram ter tido doenças como bulimia e anorexia devido a dietas que fizeram para alcançar o corpo perfeito, e que hoje atualmente procuram uma alimentação saudáveis.

A anorexia é uma doença que abrange a maior parte da população, já que nos dias de hoje a sociedade admira a atratividade, magreza, junção de beleza, sucesso e felicidade com um corpo magro (DUNKER & PHILIPPI, 2003). A doença geralmente se inicia com um jejum gradativo, é identificado por uma restrição dietética auto imposta. A anorexia acontece por causa do medo de ganhar peso, mesmo indicando um peso abaixo do normal; refere-se de uma alteração da imagem corporal, que causa uma recusa em relação ao consumo de carboidratos e gorduras. É uma luta dura contra os desejos e a estética corporal.

Segundo NUNES *et al.*, (1998) a bulimia é uma doença qualificada por um desequilíbrio ao comer, “uma ingestão desmedida de alimentos”. Na bulimia nervosa acontecem episódios cotidianos de compulsão, ganancia alimentar, falta de controle ao comer, apreensão insistente com o que comer e um desejo inevitável por comida, restrições alimentares, atitude compensatória e imprópria para evitar o aumento do peso como vômitos, uso de laxantes, diuréticos e um aumento exorbitante de atividade física.

Na ocasião em que foram perguntadas suas opiniões sobre a influência da mídia nas pessoas, elas informaram:

Entrevistada A: Se é uma influência boa sem exageros acha bom, mais tudo exagerado faz mal.
 Entrevistada B: Acho que cada um tem que ter o seu padrão de beleza natural sem se importar com a mídia.
 Entrevistada C: A mídia ajuda no trabalho na área dos cuidados com o corpo, porém as vezes quando não procura um profissional adequado, pode gerar algo negativo.
 Entrevistada D: A mídia é principal influenciadora pois as pessoas se mostram sempre perfeitas, com corpo bem definido, maquiagem perfeita e felizes.
 Entrevistada E: Bom a mídia nos dias atuais influencia muito na vida das pessoas principalmente no modo que transforma e ensina algumas vezes coisas não tão boas.
 Entrevistada F: Acho que não é muito bom, pois influencia as pessoas a ser algo que não podem. Cada um tem seu biótipo, não tem como serem iguais.

Entrevistada G: A mídia é algo que chama atenção, então estamos sempre sujeitos a televisão, redes sociais. Isso faz com que as pessoas cada vez mais sejam influenciadas.

Entrevistada H: Muito grande, algumas pessoas seguem cegamente tudo o que a mídia dita ser belo a ser o certo acabam por vezes ficando até doente por conta disso.

Entrevistada I: Acho que deixa as pessoas se sentir mal devido a aparência e padrão de beleza acaba que desenvolve até falta de aceitação de si mesmo.

Entrevistada J: Prejudica muito as pessoas que ainda não tem informações ou consciência de quanto isso pode desencadear problemas psicológicos e de saúde.

De acordo com a resposta das entrevistadas, percebe-se que a maioria entende que a mídia influencia extremamente a vida das pessoas, trazendo insatisfações de vários sentidos se tratando de beleza, pois, VARGAS (2014) explica que estudos publicados recentemente, relatam o predomínio da insatisfação com a aparência em cerca de 95% de um grupo de pessoas de diversas faixas etárias. O sentimento da busca pela modificação do corpo vem atormentando os indivíduos, levando-os a usarem medidas que podem ser danosas à saúde, por exemplo, o uso de anorexígenos e anabolizantes, tratamentos estéticos diversos e práticas como a indução de vômitos, jejuns prolongados, dietas de restrição, com a finalidade de se conseguir um resultado “milagroso” em pouco tempo.

Quando foram perguntadas se seguiam algum tipo de padrão de beleza se expressaram da seguinte maneira:

Entrevistada A: Não.

Entrevistada B: Não mais.

Entrevistada C: Não.

Entrevistada D: Atualmente não.

Entrevistada E: Não.

Entrevistada F: Um pouco.

Entrevistada G: Agora não mais.

Entrevistada H: Não.

Entrevistada I: Não.

Entrevistada J: Não.

No questionário aplicado as 10 (dez) alunas do 4º semestre do curso de Estética e Cosmética indica que mais da metade das alunas acredita que as mídias não influenciam no padrão de beleza, seja em roupas, cortes de cabelo e como devem manter o corpo, e que para elas a definição de beleza é algo característico de cada um, assim, SILVA (2009, p.3) define que a “sociedade contemporânea configura-se por meio de identidades fluidas, e relações líquidas e cultura narcísica, de exaltação gloriosa do eu, abafando qualquer noção de alteridade”.

Na situação que foram argumentadas sobre os padrões de beleza que estão sendo exposto na mídia são importantes para sua vida, elas alegaram

Entrevistada A: Sim, somente pelo fato da saúde, no caso ter um corpo trabalhado

Entrevistada B: Não

Entrevistada C: Existem padrões que nós ajudam de uma forma para estar bem mentalmente e fisicamente, mais devem ser muito bem observados.

Entrevistada D: Se for pensar na questão da saúde em si, seria importante. Mas, deveria se apresentar em outra forma.

Entrevistada E: Não, pois que cada pessoa tem sua essência e não deve seguir um único padrão, mas se sentir bem com seu próprio padrão.

Entrevistada F: Não

Entrevistada G: Não necessariamente, mas ajudam a ter uma base do que está em alta.

Entrevistada H: Não.

Entrevistada I: Eu trabalho em vendas, então de uma outra maneira, sim.

Entrevistada J: Já foram, hoje em dia não

LAUS (2012), explica que a exposição a imagens idealizadas veiculadas pelos meios de comunicação em massa foi capaz de produzir modificações na imagem corporal dos jovens universitários, onde são expostas diariamente, em média a 25 anúncios com alguma relação a aparência física. Neste entendimento, as entrevistadas demonstram que infelizmente a mídia motiva de uma maneira ou outra no dia-a-dia das pessoas.

Além disso, quando questionadas sobre a tecnologia digital como uma influência nos meios de comunicação e dessa forma tem um papel fundamental na vida das pessoas, obtivemos as seguintes respostas

Entrevistada A: Sim, pelo fato de fake News, notícias falsas. Influencia a vida pessoal das pessoas deixando frustradas.

Entrevistada B: Sim, influencia algumas pessoas viverem em função do que a mídia impõe.

Entrevistada C: Sim, influencia. É importante porque ajuda a manter o ser humano mais informado.

Entrevistada D: Sim, influencia porque não conseguimos ficar sem comunicação.

Entrevistada E: Sim, pois é a partir da tecnologia que são transmitidos tudo o que o mundo possui de novo.

Entrevistada F: Sim, existem pessoas que se deixam levar pela mídia e por tudo que ali é mostrado, não pensando nas consequências, fazem dietas perigosas para ter o corpo das modelos.

Entrevistada G: Sim, por influenciar as pessoas a terem uma base de como se cuida da sua aparência.

Entrevistada H: A maioria das pessoas não consegue viver sem essa tecnologia

Entrevistada I: A tecnologia tem um impacto muito forte na vida das pessoas fazendo mudanças drásticas em algum comportamento.

Entrevistada J: Sim, infelizmente nos dias atuais a internet é uma das maiores influências das pessoas, é até bom nos “atualizarmos”, mas levar isso ao extremo pode nos prejudicar de alguma forma.

Fonte: Elaborado pelo autor segundo dados obtido a partir do questionário.

A respeito da tecnologia digital e a influência dos meios de comunicações a maioria disseram que tem sim um papel fundamental na vida das pessoas porque criou certa obsessão em relação à internet e redes sociais em função do que está sendo exposto sem saberem que as notícias que são vinculadas são reais ou não, trazendo assim mudanças drásticas para a vida das pessoas já que na maioria das vezes a sociedade busca algo irreal e inalcançável.

Segundo Tiggemann e Miler (2010), a internet, mais que qualquer outra forma de meio de comunicação, concede ao sujeito a escolha do que, de verdade lhe interessa, seja qual for o momento e limite de tempo, diferente de outros meio divulgação, por exemplo, revistas e televisão. Essa indicação ganha grande importância no que se diz aos estudos em relação à imagem corporal, visto que pesquisas atuais têm exibido que como a televisão, o tempo perdido acessando a internet está ligada a maiores evidências de descontentamento em relação a sua aparência.

Destaca-se ainda, que o termo mídia é múltiplo, podendo denominar os inúmeros setores presentes na comunicação. Em um pouco mais de meio século de aparição do Brasil, a televisão se tornou o meio de maior inserção nas residências dos brasileiros, em seguida pelo rádio, jornais, revistas, e tv por assinatura, programas de entretenimento, em particular as novelas e seriados, de maior audiência no país LAUS (2012).

Percebe-se claramente que as entrevistadas compreendem que a tecnologia digital influencia os meios de comunicação e a sua importância, neste ponto de vista, Camila (2012) relata que a mídia leva ao leitor as últimas novidades e descobertas tecnológicas e científicas, ditando e incorporando tendência. Segundo ALMEIDA *et al.*, (2018), a mídia tem influência sobre a opinião pública. A mídia não diz ao público como pensar, mas sobre o que pensar. As mídias e suas publicações por sua vez, provocam profundo efeito sobre a percepção dos indivíduos no que diz respeito ao corpo. Portanto, potencializa a difusão e capitalização do culto à beleza padronizada, constituindo assim o que podemos denominar de “indústria da beleza” (ALMEIDA *et al.*, 2018).

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho demonstrou que desde dos primórdios já existiam padrões de beleza e que eles poderiam ser notados através de obras de artes. Assim, com a chegada do século XX e o avanço da tecnologia veio também à televisão e revistas que colocavam mulheres esbeltas fazendo com quem assistisse quisesse ter aquele corpo. Até hoje as pessoas se espelham no que está sendo vinculado na mídia acreditando que aquele corpo que está sendo exposto é o ideal a ser seguido trazendo assim grandes consequências para suas vidas como doenças psicológicas e físicas.

A pesquisa feita dentro de sala apontou que a maioria das meninas acreditam que a mídia tenha sim influência em suas vidas, seja no modo de se vestirem, maquiarem entre outras maneiras, porém, a mídia estimula as pessoas a acreditarem que o corpo “perfeito e ideal” a ser seguido deve ser aquele que está sendo exposto, trazendo consequências de extrema insatisfação pessoal, como por exemplo, a resposta do questionário referente a doenças causadas por conta da dieta, foram identificadas 3 (três) meninas que passaram por problemas de saúde em função da dieta irregular, sem orientação profissional.

Neste sentido, estudos comprovam que a mídia dita e incorpora tendência, fazendo com que ela tenha influência na opinião pública, pois a mídia tem muita intervenção na vida das pessoas conduzindo a atitudes irreversíveis, por este motivo a população precisa filtrar somente o que realmente lhe interessa e trazer benefícios para sua vida. O entendimento que as pessoas devem ter sobre o que é um corpo bonito é aquele que você olha no espelho e sente bem, não o que os outros dizem.

Pode-se entender também que, no momento da apreciação dos questionários podemos identificar divergências nas respostas das alunas do 4º semestre do referido curso, pelo fato de responderem no primeiro momento que havia uma influência muito grande na vida das pessoas, mas, no segundo momento elas relataram que não seguiam nenhum padrão de beleza exposto pela mídia, contudo, podemos compreender que na maioria das questões respondidas por elas apontaram uma considerável interferência da mídia na vida das pessoas.

Portanto, conclui-se o entendimento que há sim uma grande interferência e influência das mídias sociais na vida das pessoas em busca de um corpo perfeito e irreal. Entretanto, tal pesquisa carece de informação e novas propostas a fim de

avaliar os efeitos positivos e negativos da mídia sociais e sua influência, devem ser discutidos e aprofundadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDRICH, V. **Filosofia da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976;

ALMEIDA, V. L. J.; ARAUJO, M. B.; JESUS, G.A.; NASCIMENTO, T.P.; SANTOS, P.E.; DONATO, C. R. Distúrbios alimentares: bulimia e anorexia. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, vol. 10, n. 2, p. 161-177, Jul.-Dez, 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/ACER/Downloads/Dialnet-AlInfluenciaDaMidiaNosTranstornosAlimentaresENaAuto-6783802.pdf>. Acesso em: 15. Set. 2019;

BAYER, R. **História da Estética**. 4ª edição. Editorial Estampa Lisboa: 1995;

DUNKER, K.L.L; PHILIPPI, S.T. Hábitos e comportamentos alimentares de adolescentes com sintomas de anorexia nervosa. **Revista de Nutrição**, v. 16, n. 1, p. 51-60, 2003. < <http://www.scielo.br/pdf/rn/v16n1/a05v16n1.pdf>>. Acesso em 25 Set. 2019;

DOVE. Influência da mídia com adolescentes do sexo feminino. São Paulo, 2016 Disponível em: <<https://www.dove.com/br/dove-self-esteem-project/help-for-parents/media-and-celebrities.html>>. Acesso em 20 Nov. 2019;

ECO, U. **História da Beleza**. 5ª edição. Editora Record, Rio de Janeiro. São Paulo: 2015;

ECO, U. **História da Feiura**. 4ª edição. Editora Record, Rio de Janeiro. São Paulo: 2015.

FILHO, D. B., **Pequena História da Arte**. 14ª edição. Editora Papyrus. Campinas. São Paulo: 2005;

FONTENELLA, B. & LUSHESI, B. **Amostragem em pesquisas qualitativas: propostas de procedimentos para constatar saturação teórica**. 2011;

GRAÇA, P. **Descobrimos a História da Arte**. 2ª edição. Editora Ática. São Paulo, SP: 2008;

LAUS, M.F. **Influência do padrão de beleza vinculada pela mídia na satisfação corporal e escolha alimentar dos adultos**. Ribeirão Preto, 2012. Tese de doutorado, disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59134/tde-26032013-100917/publico/TESE.pdf>>. Acesso em: 05 Ago. 2019;

LESSANA, M. M. **Marilyn: Retrato de uma estrela**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006. Disponível em: <<https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2017/08/marilyn.pdf>>. Acesso em: 20 Ago. 2019;

LÚCIA, M. A. A. & HELENA, M. P. M. **Filosofando** – Introdução à Filosofia, Editora Moderna. São Paulo: 2009;

LUDKE, M; & ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986;

LUIZ, A. P. L.; PAES, C. S.; RODRIGUES, A. L. A Arte enquanto espelho da estética: Um diálogo entre Platão e Kant acerca das raízes Históricas- Filosóficas da Beleza. **Revista Didática Sistemica**. vol. 4, p. 49-65, Jul.-Dez, 2006. disponível em: < <https://periodicos.furg.br/redsis/article/viewFile/1221/517>>. Acesso em: 02 Set. 2019;

MARIUS 70, **A beleza da Mulher Romana**. 24 de fevereiro de 2006. Disponível em: < <https://imperialromano-marius70.blogspot.com/2006/02/beleza-da-melher-romana.html>>. Acesso em 20 de Out. 2019;

NUNES, M. A. A; APPOLINÁRIO, J. C.; ABUCHAIM, A. L. G.; COUTINHO, W. **Transtornos Alimentares e Obesidade**. 1º edição, Porto Alegre, Artmed, 1998;

PALOMINO, E. **A moda**. São Paulo: Publifolha, Almanaque Folha, 2002;

SEVERINO. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23º edição. Editora São Paulo: Cortez, 2007;

SILVA, E. F. G.; BARROS S. S. E. **O impacto e a influência da mídia sobre a produção da subjetividade**. 2009.

APÊNDICE



APÊNDICE A
QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA
FACULDADES MAGSUL
 Tecnólogo em Estética e Cosmética
 Ponta Porã-MS



INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do trabalho de conclusão: Estética Corporal- Um Percorso Histórico na Arte e na Mídia

Pesquisador responsável: Dhenifer Paulino Cardoso

Telefone para contato: (67) 999402728

1- Nome _____
 Idade _____ Sexo _____ Profissão _____

2 Qual a sua definição sobre Beleza?

3 Você se sente influenciado (a) pelos padrões de beleza imposto pela mídia?

4 Em algum momento de sua vida você seguiu algum tipo de padrão de beleza que estava sendo exposto pela mídia?

5 Já passou por alguma situação de doença devido a alguma “dieta” que fez para tentar alcançar um corpo que observou em algum meio de comunicação?

6 Qual a sua opinião sobre a influência da mídia na vida das pessoas?

7 Você segue algum tipo de padrão de beleza? Qual?

8 Os padrões de beleza que estão sendo expostos na mídia são importantes para sua vida?

9 A tecnologia digital influencia os meios de comunicação e dessa forma tem um papel fundamental na vida das pessoas? Explique.
